

Memória

À escuta do pacto e da Grande Prece dos confederados

JEAN STAROBINSKI

O pacto de 1291 renova e confirma os elos preexistentes: declara-os válidos "para sempre". Esse texto não é somente uma convenção jurídica fundamental: é um grande documento sobre a natureza das relações humanas e sobre o que transforma a palavra — o verbo escrito, assinado, selado — em um ato. Eis o que sabiam os homens de 1291, por um conhecimento imediato do qual tiveram a coragem de tirar as conclusões: os homens são violentos e é necessário ultrapassar a violência. Não é ignorando a violência que ela será superada, mas tomando contra ela todas as medidas apropriadas. Para repelir o assalto dos violentos, *contra impetus malignorum*, é necessário começar por ajudar-se mutuamente na resistência. Mas a violência interna não é menos temível que a agressão vinda de fora. Os contratantes de 1291 tomam medidas comuns a todos contra os assassinos e os incendiários. Eles prevêm, entre as três comunidades, o risco de conflitos de interesses. Esses litígios não deverão ser julgados por juízes estrangeiros. Para prevenir a dissensão brutal, faz-se um apelo à mediação e à arbitragem. *Ensteht ein Streit unter Eidgenossen, so sollen die Einsichtigsten unter ihnen vermitteln* (1). Estando enunciado o princípio, um longo aprendizado estava por se fazer, nas atribulações da história. O passado da Suíça nada tem de idílico. Excesso e desavenças não foram evitados. Mas o princípio da arbitragem se manteve. Hoje vivemos em uma Europa onde ressurgem conflitos interétnicos, em um mundo onde os nacionalismos regionais ou tribais não cessam. Ora, os suíços aprenderam a difícil arte de conviver, no respeito de suas diferenças. Essa experiência se materializou nas instituições e estas podem oferecer, se não um modelo a ser literalmente copiado, pelo menos a indicação de uma via a seguir e, conseqüentemente, um motivo de esperança para outros que não nós. O federalismo é, certamente, um sistema viável. Denis de Rougemont, entre outros, disse-o com veemência.

Um quadro famoso de Johann-Heinrich Füssli retrata as três Suíças em um grande ímpeto voluntário, os braços levantados, simbolizando o ato fundador mítico e, sobretudo, o apelo a Deus pelo qual começa o

pacto. Mas o texto do pacto não esquece que os homens, e mesmo aqueles que prestam juramento, são seres imperfeitos, falíveis, que devem ser contidos pela fé jurada. É um texto ao mesmo tempo audacioso e de uma singular humildade. Ser humilde e reunir suas forças para impedir o avanço do invasor não são coisas incompatíveis.

No fim da Idade Média, por ocasião de uma guerra ou para comemorar os mortos de uma batalha (a de Sempach, principalmente, ou a de Arbedo), grupos de homens e mulheres, revezando-se às vezes de aldeia em aldeia, recitavam a Grande Prece; esta começava, de maneira cristã, por um ato de contrição. Em uma das versões do *Grosses Gebet der Eidgenossen*, lê-se:

"Erstlich soll ein jeglicher Mensch sich selbst erkennen wegen seiner Sünden und Missethaten, die er wider Gott unsern Herrn gethan hat und festiglich fürsetzen, uns zu hüten vor Sünden und Gelegenheiten der Sünden..." (2)

Essas palavras de arrependimento, esse *confiteor*, não as considero como uma simples fórmula de precaução destinada a conquistar a proteção divina. Como em Davi, o rei salmista, a coragem da confissão dos pecados não é diferente da coragem para o combate. É reconhecer uma condição finita, imperfeita, é aceitar não depender unicamente de seu próprio julgamento. E quando falo de combate, não penso somente nos feitos de armas dos primeiros séculos: penso em qualquer grande projeto, penso em qualquer empresa de envergadura. Não se ater unicamente a seu desejo pessoal, aceitar ser responsável por seus atos perante os outros ou perante um Outro, tal é sem dúvida a melhor definição do sentido da responsabilidade. É bom lembrar as palavras da Grande Prece. Pois o orgulho nos prepara uma armadilha: a complacência consigo mesmo, primeiramente, que a língua alemã denomina tão bem *Selbstgefälligkeit*: é a preguiça de espírito que consiste em crer que cumprimos escrupulosamente tudo o que nos foi pedido e que todo questionamento é inútil. E a outra armadilha é o ressentimento reivindicador, que o alemão exprime com precisão pela noção de *Selbstgerechtigkeit*: é a atitude dos pássaros de mau agouro, que se acreditam puros e sem mácula porque denunciam as faltas dos outros. Essas atitudes, uma tão errônea quanto a outra, são próprias das comunidades que atingiram um certo bem-estar. Elas são, tanto uma quanto a outra, paralisantes: são luxos perniciosos. Duas maneiras de nos esquivarmos de nossas responsabilidades. Eu desejo que nosso país não se imobilize nem na consciência limpa nem na consciência pesada. Que ele tenha a coragem de uma grande ambição, sem esquecer a virtude da humildade. Pois é necessário ser humilde para ter vontade de superar-se, e para desejar responder

cada vez melhor, na vida quotidiana e dentro das leis, às exigências da ética e do mais lato interesse comum.

Permito-me insistir: a verdadeira liberdade política, a liberdade mais bem compartilhada é apanágio das sociedades que reconhecem que os indivíduos não devem ter a permissão de fazer o que bem entenderem e que o prazer desenfreado não é a autoridade decisiva. Esse sentido das proporções, essas limitações legais, a recusa do arbitrário, exigidos pelo respeito ao próximo, não vamos considerá-los como uma prisão! Não, decididamente, irei buscar fora da Suíça, na história do século XX, os exemplos do confinamento e da servidão voluntária!

Lê-se com emoção, na Grande Prece, um dos últimos pedidos:

" Wir wollen auch bitten für diejenigen, so allenthalben Steg und Weg bessern, auch mit ihren Unkosten und Arbeit, so wol Geistlich als Leiblich, den gemeinen Nutzen treuwlich befürdem helfen..." (3)

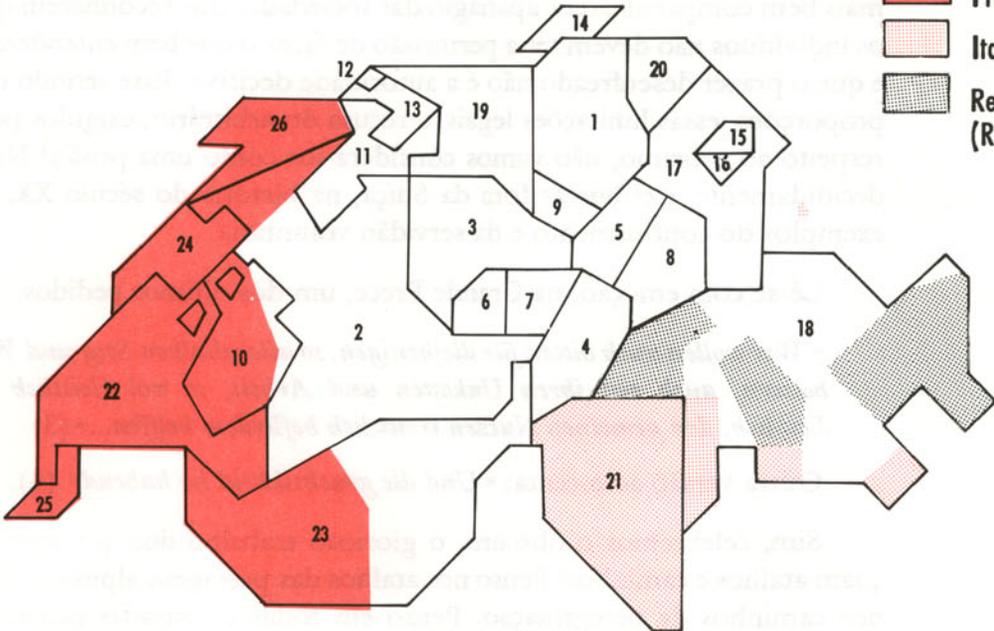
Outra versão acrescenta: *" Und die grachtikheid lib habend"* (4).

Sim, celebremos o obscuro, o glorioso trabalho dos que aperfeiçoam atalhos e caminhos! Penso nos atalhos das pastagens alpinas, como nos caminhos de peregrinação. Penso em todas as estradas essenciais conservadas para o bem comum: nos velhíssimos caminhos de mulas que atravessavam os Alpes, assegurando o intercâmbio entre o Norte e o Sul, e que necessitavam de uma escolta de fortalezas. Estamos apoiados em um deles.

Os que melhoravam atalhos e caminhos colocavam ao serviço da Europa cisalpina e da Itália (com seus parceiros orientais) os grandes eixos do comércio e da cultura. Vêm-me primeiramente à mente os pintores alemães ou flamengos a caminho de Veneza ou Roma, que descobriram os primeiros fogos da luz meridional sobre o flanco dos Alpes, no cintilar dos rochedos e cascatas. Esses caminhos bordejavam freqüentemente os grandes rios cuja linha de divisa se situa nos pontos centrais de nosso maciço alpino. Os que alargaram e consolidaram essas vias imemoriais prepararam a Suíça para sua função de mediadora e de receptora. Foram, no tempo do humanismo, os caminhos da vagabundagem dos estudantes que foram aprender as *letras* nos quatro cantos da Europa, como o fez o pequeno pastor de cabras do cantão de Valais, Thomas Plater. Não acabaríamos mais, também, se evocássemos os que tomaram a estrada para procurar de que viver em terra estrangeira: arquitetos e estucadores do cantão de Tessin, doceiros de Engadina e do Vale de Bregaglia. Pelas mesmas estradas partiram soldados do Serviço Estrangeiro, levando saudade da pátria no coração. Em sentido inverso



1291 - 1991 Suíça



-  Alemão
-  Francês
-  Italiano
-  Reto-romano (Romanche)



Admissão para a confederação



1 Zurique 1351



2 Berna 1353



3 Lucerna 1332



4 Uri 1291



5 Schwyz 1291



6 Obwald 1291



7 Nidwald 1291



8 Glaris 1352



9 Zoug 1352



10 Friburgo 1481



11 Soleure 1481



12 Basileia — Cidade 1501



13 Basileia — Campo 1501



14 Schaffhouse 1501



15 Appenzell — Rhodes-Extérieures 1513



16 Appenzell — Rhodes-Intérieures 1513



17 Saint-Grall 1803



18 Grisoës 1803



19 Argóvia 1803



20 Turgóvia 1803



21 Ticino 1803



22 Vaud 1803



23 Valais 1815



24 Neuchâtel 1815



25 Genebra 1815



26 Jura 1979



Arte: Carla A. Risso

*Criação de Jean Tinguely
editada pelo Conselho do Cantão de Vaud,
em comemoração do 700º aniversário da
Confederação Helvética*

— da França, de Flandres, da Itália — afluíram os que buscavam refúgio *por motivos religiosos*. Erasmo em Basileia, os Estienne em Genebra. Eles vieram, esses huguenotes, esses hereges, estabelecer e fazer prosperar novas indústrias. A Suíça do século XVII foi feita pelos estrangeiros, diz o historiador inglês Hug Trevor Roper. Os anos em que as estradas se fecharam para os que corriam um perigo mortal imediato foram anos de desgraça.

A Grande Prece, como vimos, conhece um sentido material da construção das estradas; ela conhece, também, o significado espiritual (*geistlich*) dessas estradas, que acompanha a generosidade e o amor pela justiça. Essa idéia é admirável: encontro aí a expressão da tarefa mais exaltante que se possa propor hoje. É a tarefa que associa educação, cultura, ofícios da comunicação, ofícios de recepção, vocações caritativas. Estradas e atalhos, no sentido espiritual, são hoje as ciências e suas aplicações, na linguagem da razão (tão freqüentemente caluniada) que nossas escolas superiores se aplicam em desenvolver. São também as artes e o livre curso da imaginação, cujo esgotamento nos empobreceria. Há também estradas e atalhos secretos pelos quais se vai silenciosamente para o interior de si mesmo. Desejo que se possa dizer, dos homens e mulheres de hoje, que contribuam cada um em seu campo, e nos mais modestos, para criar novas estradas, para lançar novas pontes. Se declaro que é urgente continuar a distinguir-se no maior número de campos, serei censurado por pregar um ideal elitista? Um pequeno país deve compensar a exigüidade de seu território pelo valor de suas realizações. O elitismo, se tal for o caso, consiste em desenvolver mais completamente os poderes que cada um traz em si, não para afirmar uma superioridade altiva, mas para ter mais para comunicar. O ato de solidariedade vale pela qualidade do que oferecemos aos de fora. Mas, eu o sei, o mundo *desenvolvido* vive em uma civilização material que nem sempre encoraja a atingir o melhor de si. Ela reserva, todavia, uma exceção mais que meritória: o esforço esportivo, o belo domínio do corpo e do gesto que salvaguardariam pelo menos um aspecto da realização humana.

Neste fim de século, nossas vidas, com as decisões que não podemos evitar, inscrevem-se inelutavelmente no horizonte da terra inteira. Mas o caminho para o mundo começa em nossa porta, sob nossos passos, nas ruas de nossas cidades, em nossas estações. Começa, também, quando partimos para as alturas, quando palmilhamos atalhos cheios de trevos e escabiosas, quando atravessamos o riacho sobre as pranchas ajustadas pelo cantoneiro, quando saudamos o desconhecido que passa. E se seguirmos o convite do atalho, não será necessário muito tempo para redescobrir — a cada manhã como se fosse a primeira vez — que

somos os depositários de uma parte muito preciosa da beleza do mundo. Sentimos mais do que nunca quanto essa beleza é vulnerável. A Grande Prece falava do amor pela justiça. Sim, saibamos fazer justiça ao campo de trigo, às vinhas e ao pomar, à floresta e à geleira, que são nossos primeiros interlocutores: então, somente, teremos aprendido a oferecer uma melhor amizade ao mundo longínquo, a responder-lhe e a lhe fazer o sinal, que ele espera certamente, de uma presença eficaz e de uma preocupação conjunta com a paz entre os homens.

Bellinzona, 10 de janeiro de 1991.

Citações de Peter Ochsenbein, *Das Grosse Gebet der Eidgenossen*, Francke Verlag, Berne, 1989.

Notas

- 1 Trad.: "Se alguma discórdia vier a surgir entre os confederados, os mais prudentes intervirão por arbitragem para aplacar a desavença."
- 2 Trad.: "Em primeiro lugar, cada um, voltando-se para si mesmo, deve reconhecer seus pecados e seus malfeitos, que tiver cometido contra Deus, e tomar a firme resolução de guardar-se dos pecados e das ocasiões de pecado."
- 3 Trad.: "Queremos também orar por aqueles que em qualquer lugar melhoram caminhos e atalhos, a suas custas também, e aí colocando seu esforço, tanto espiritualmente quanto materialmente, e que servem fielmente o bem comum."
- 4 Trad.: "E que amam a justiça."

Jean Starobinski é teórico e crítico literário suíço. Professor da Universidade de Genebra. Entre seus vários livros, destacam-se o clássico *Jean-Jacques Rousseau: la transparence et l'obstacle* (1957) e, já publicados no Brasil, *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1974, Perspectiva), *1789: os emblemas da razão* (1989, Companhia das Letras) e *Montesquieu* (1990, Companhia das Letras).

Tradução de Isabel Rupaud. Revisão de Jacques Marcovitch.

O original em francês encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.